

UM RIO

VINÍCIUS SANCHES PONTIROLLE¹

Aconteceu não faz muito tempo, lembro-me bem. Estávamos em casa e o almoço se aproximava, era preciso de lenha para alimentar o velho fogão. Evidentemente, Eles sem balbuciar se prontificaram a buscar. Eu, como de costume, disse que queria ir junto, mas, diferentemente das outras vezes, Eles permitiram minha ida. Que surpresa maravilhosa, enchi-me de alegria.

Então saímos a cortar aquele matagal sem fim. Suores nas subidas e alívio nas descidas. Os secos e cortantes galhos eram a todo instante afastados de mim por Eles. Nada apagava o vigor da minha infância e coisa alguma os cansava de me livrar dos machucados. Após o terceiro gole de água, pude avistar o oásis de lenha que buscávamos. Fui correndo em direção a ele e com entusiasmo singular abracei todas as toras que me era possível carregar, afinal, minha fomeurgia. O que apanhei era suficiente para alguns bons almoços.

Logo ao lado havia um rio. Na verdade, acho que “rio” passa a impressão errada. Se uma semente logo após o início da germinação ainda não deve ser chamada de “árvore”, sinto que aquilo que me foi mostrado deva ser nomeado mais precisamente de algo como fio d’água. Ora, não reclame das minúcias de minhas linhas, de onde venho, cozinhamos com forno à lenha e não com os tais microondas. Cada detalhe tem a sua graça e valor. “Aquele largo rio que passa por nossa casa nasce assim, franzino, ao longo do tempo vai se encorpendo. O nosso povo chama ele de Vitalitas”. Por alguns instantes admirei as águas cristalinas, contudo, na minha cabeça só conseguia me maravilhar com o fato de ter conseguido pegar tanta lenha.

Cumprido parte do serviço, era hora de voltar, regressamos margeando o rio Vitalitas. O começo foi prazeroso, nas deliciosas conversas, brincadeiras e antigas memórias ressurgiram. Eles me explicaram sobre a história daquele lugar em que estávamos, sobre os animais que lá habitavam e até fizemos algumas paradas para admirar tudo aquilo a nossa volta. À medida que o rio ganhava profundidade, o assunto ia se adensando. Já não mais havia espaço para brincadeiras, e a descontração foi expulsa pela tensão. Ouvi coisas que na época achei absurdas, exaltei-me e num instante de distração tropecei em uma pedra que tinha no meio do caminho. É claro que não cheguei a cair, não se esqueça que Eles ainda estavam lá e sempre vigilantes, mas acabei por perder quase metade de todas as toras que carregava. Fora tudo rio abaixo. Movido por um impulso sabe-se lá do que, ainda tentei me lançar ao leito para recuperar meu esforço.

1 Graduando em Direito pela Universidade de São Paulo. Contato: viniciussp@usp.br

Aquele fiozinho de água já tinha adquirido a forma de um robusto riacho, era profundo e ostentava uma correnteza considerável. Eles não deixaram, me puxaram para longe da margem e tentaram me consolar. Era para eu não me avexar, ter calma, já tínhamos mais que o suficiente para as refeições dos próximos dois dias. Tinha que extravasar a raiva, vi um cupinzeiro e lhe tasquei um belo chute. Enchi aquele rio com a terra que com muito suor os cupins esculpíram e turvou-se a água. O que tinham os insetos a ver com tudo aquilo? Infelizmente nada, nada além do infortúnio de estarem no lugar errado e na hora errada.

Eis um grande problema na humanidade, erro horário-espacial. A pior parte é que a vítima é sempre um inocente. Que culpa tem as árvores se os homens estão poluindo o planeta? O que de mal fizeram os pobres para a ganância querer explorá-los? Sinto que devo me concentrar no relato. Não faz muito tempo, mas a memória é astuta e o subconsciente, orgulhoso. Custa demais aceitar os erros. Além de tudo, quem tem tempo hábil para remediar é você, não eu, mas isso deixemos para o final, onde as pontas se encontram.

Bem, estava eu irritado com meu esforço que fora, ironicamente, por água abaixo. Não tinha mais o que ser feito, continuamos a trajetória ao som de bufos e lamentos. Eles estavam quase que a todo tempo falando comigo, não dei o mínimo de atenção. Em alguns momentos lembro que me olhavam e riam da situação, só podia imaginar que a bobagem pousara sobre meu rosto. De repente veio aos olhos um arranjo banal que subiu à cabeça como ideia genial. Feixes de toras milimetricamente organizados formavam uma barragem. Quem é que nesse século ainda precisava daquela construção medieval? Aquela coisa ociosa no Vitalitas e eu necessitado de recompor meu estoque de lenha. A decisão foi imediata, desfazer tudo aquilo e tomar a madeira. Eles tentaram me alertar sobre algo, evidentemente considerei como irrelevante, já era maduro, podia tomar minhas próprias decisões. Arquitetei tudo sozinho e percebi que já poderia realmente sair da sombra deles, andar com as próprias pernas. Peguei o que me era por direito e lancei o resto no próprio leito. Convencido de que o prejuízo fora coberto, continuei a caminhar, a estrada parecia mais longa, nada de avistar a casa. A conversa foi ficando bem escassa e as vozes que antes eram audíveis, transformaram-se em sussurros cada vez mais distantes. A concentração em não perder um só galho sequer tomava conta de mim.

Longo tempo depois, já fatigadas as pernas e sem fôlego nos pulmões, parei para descansar e percebi algo estranho, aquele rio estava diferente. Ele estava minguando, em um olhar um pouco mais cuidado, constatei que mais à frente ele ia perdendo sua forma, força e saúde, até o ponto em que já não era nada além de alguns mililitros empoçados. Despertada a curiosidade, fui logo a indagar-lhes sobre o que acontecia. Observo à direita e nada, miro à esquerda e nada de achá-los. Surge então o maior enigma de todos, onde é que estavam? Há quanto tempo eu

estava andando só? Como não pude perceber a ausência deles? Entretanto, de uma coisa estava certo, a casa estava a poucos metros de distância e minha lenha estava à salva, o almoço estava garantido. Poderia até não ter água, mas tinha a lenha, missão cumprida, era o que importava.